



JAMAC - jardim miriam arte clube

ARTES VISUAIS

SAV



JAMAC
jardim miriam arte clube

Jamac - Jardim Miriam Arte Clube / coordenadores Mônica Nador ... [et al.] ; textos de Ana Tomé, Miguel Chaia e Mauro Pinto de Castro ; tradução de Idália Morejón. – 1.ed. – São Paulo : Centro Cultural da Espanha em São Paulo - Agência Espanhola de Cooperação Internacional, 2007.
76 : il. ; 21 cm.

Textos em espanhol e português.

Projeto Jamac idealizado e coordenado por Mônica Nador

Fotografias de Marcelo Zocchio e do Acervo Jamac

Catálogo do projeto realizado pelo Jamac – Jardim Miriam Arte Clube em maio / junho de 2007.

ISBN 978-85-61284-01-5

1. Artes Plásticas. 2. Pinturas Murais. 3. Arte Urbana. I. Nador, Mônica. II. Tomé, Ana. III. Chaia, Miguel. IV. Castro, Mauro Pinto de. V. Morejón, Idália. VI. Título.

CDD 751.73

Catlogação na fonte: Bibliotecária Vania Santos – CRB8-5039



Centro Cultural da Espanha em São Paulo
São Paulo, SP, 2007

Os direitos de propriedade intelectual das pinturas, fotografias e artigos reproduzidos pertencem aos autores. Os autores dos textos presentes neste catálogo são responsáveis pelos conteúdos nele contidos, e mesmo que não coincidam com as opiniões das instituições patrocinadoras do catálogo, não as comprometem.

Los derechos de propiedad intelectual de las pinturas, fotografías y artículos reproducidos pertenecen a los autores. Los contenidos de los textos recogidos en este catálogo son de responsabilidad de sus autores.

Distribuição Gratuita



Em 2004, quando cheguei a São Paulo, apenas uma pessoa estava a minha espera, Regina Silveira, que informada por Antoni Muntadas me enviava freqüentes e-mails perguntando: você já chegou?

E ao lento ritmo burocrático cheguei, sim, à grande cidade, enviada pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional com o intuito de criar um Centro Cultural da Espanha na cidade, integrante da Rede de Cooperação Cultural ibero-americana.

Entre as diversas pessoas às quais Regina me apresentou em seu afã de ajustar minha chegada a São Paulo, estavam artistas, críticos, gestores culturais, acadêmicos... muitos deles ex-alunos de Regina. Ela fez questão que eu conhecesse um grupo em particular, pois tinha certeza de que eu gostaria: o JAMAC, projeto realizado no Jardim Miriam de forma coletiva, junto aos moradores, por artistas como Mônica Nador e Lúcia Koch, o paisagista Fernando Limberger e o especialista em ciências políticas, João Haddad, com a colaboração da produtora cultural Silvia Sasaoka, responsável pelo apoio logístico, e do arquiteto Pola Pazzanese, que assessorava em vários assuntos.

A primeira vez que encontrei o grupo foi em um almoço em Pinheiros, no qual a duras penas comecei a entender os propósitos do trabalho com os moradores do Jardim Miriam: contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos moradores de um bairro da periferia, através de sua participação na tomada de decisões sobre as opções estéticas - aplicadas por eles mesmos - nos espaços públicos e nas casas onde moram; a melhoria da qualidade de vida pelo ajardinamento de suas pequenas moradias ou microespaços, onde até

então eram ocupados por escombros; e por meio do debate sobre sociologia, política e economia, estabelecendo as epígrafes da macroeconomia e das ciências políticas aos microcosmos dos politizados sócios do JAMAC.

Sem dúvida a conversa deveria continuar com uma visita ao bairro. Nessa primeira oportunidade Lúcia e Fernando foram meus cicerones. Eles me apresentaram os moradores que encontrávamos pelo caminho ou cujas casas e jardins me levaram a conhecer.

Esse primeiro passeio pelo Jardim Miriam esclareceu muito sobre a intenção desse grupo de artistas e ativistas no que se refere a compartilhar seu tempo e sua criatividade com uma comunidade à qual, de fato, eles não pertenciam. Porém, era apenas isso: compartilhar e passar a "pertencer".

Mônica Nador mudou-se definitivamente para o bairro e a dinâmica resultou que apenas ela, dos participantes do grupo original, continua ativamente no projeto junto aos moradores. Eu continuo, ocasionalmente, visitando o bairro para participar do "Café Filosófico JAMAC", aos sábados à tarde, porém, além disso, tive o privilégio de trazer ao Centro Cultural da Espanha, em seu espaço provisório no centro da cidade, um "toque" daquela comunidade.

Para celebrar isso, eis aqui a publicação.

Ana Tomé

Diretora

Centro Cultural da Espanha em São Paulo

O Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC) deve ser visto como uma das possibilidades abertas pela arte contemporânea na qual vem ampliando a liberdade do artista. O atual confronto com a modernidade, a quebra de fronteiras entre suportes, linguagens e áreas de conhecimento, além da aproximação entre camadas da cultura, permitem que a arte atual engendre *lócus* de novas experimentações estéticas, acopladas às tensões sociais existentes em torno do artista. Se a relação entre arte e estética sempre acompanhou a produção artística, atualmente, a reunião entre elas pode se configurar como uma dimensão básica do fazer artístico. Nessas circunstâncias abertas pela contemporaneidade surge o JAMAC, lugar de encontros entre arte e vida, estética e política, e entre artista e sociedade.

Esse projeto, coordenado por Mônica Nador, levanta questões que remetem ao significado da origem da arte, quando não havia ainda separação entre arte e sociedade; arte e religião; produtor e obra. O JAMAC é uma realização que expressa um desejo de retorno à unidade perdida, que, paradoxalmente, é reivindicada numa época de individualismo crescente, mas também de valorização do hibridismo e da heterogeneidade.

Os anos 60 promoveram a revisão crítica do papel da arte e do sentido da política, permitindo florescer um novo tipo de ativismo que, sendo artístico, se pretendia político e, sendo político, buscava uma face estética. Arte e política se entrecruzavam com ação e conhecimento. Assim, as mobilizações pelos Direitos Humanos, as reações à Guerra do Vietnã, os movimentos estudantis e a expansão

da contracultura, não apenas questionaram as mais diferentes formas de poder, as autoridades e os valores institucionais, como demonstraram as aproximações entre contingências sociais e expressões estéticas.

Nesse sentido, vale destacar, como um exemplo, a reflexão e a prática "situcionista", movimento que inclui a produção artística no interior de uma revolução cultural mundial. Qualquer mudança social deveria passar pela transformação cultural. O eixo desse movimento encontra-se na obra do francês Guy Debord que, entre os anos 50 e 60, elaborou uma análise crítica da "sociedade do espetáculo", um momento avançado da sociedade capitalista. Na obra *Sociedade do espetáculo*, de 1967, Debord enfatiza que a arte deve criar situações e não expressar aquelas já existentes. Contra o espetáculo encenado pelo capital – produtor da mercadoria e da forma-imagem –, a arte deve inventar novas paixões, engendrar novas relações e, dessa forma, reativar a vida. Para tanto, assim como a forma de fazer política deve ser refeita, também a arte deve ser superada. Debord propõe uma nova arte contra a arte do capital. Uma outra expressão estética contra a arte-mercadoria, para combater a pressão que limita ou impede a vida. Escreve Debord no item 186 do citado livro: "Ao perder a comunidade da sociedade do mito, a sociedade deve perder todas as referências de uma linguagem efetivamente comum, até o momento em que a cisão da comunidade inativa possa ser superada pelo acesso à real comunidade histórica. A arte, que é essa linguagem comum da inação social desde que se constituiu como arte independente no sentido moderno, quando

emerge de seu primeiro universo religioso e se torna produção individual de obras separadas, conhece, como caso particular, o movimento que domina a história do conjunto da cultura separada. Sua afirmação independente é o começo da sua dissolução.” O autor aponta a ocorrência de uma cisão, com a modernidade, entre arte e sociedade, resultando no fato de que a arte independente e a arte institucional levam ao desaparecimento da arte. Esse processo conduz o mundo à “perda do seu centro,” que ocorre quando a arte entra na sua “época de dissolução.” Para Debord, o andamento da modernidade mostra uma tendência de supressão da arte (assim como propõe a necessidade da supressão da política): “O dadaísmo quis *suprimir a arte sem realizá-la*; o surrealismo quis *realizar a arte sem suprimi-la*” (item 191). Nesse sentido, afirma que a posição dos situacionistas “mostrou que a supressão e a realização da arte são os aspectos inseparáveis de uma mesma *superação da arte*” (191). Essas formulações e propostas situacionistas auxiliam a elucidar o significado do JAMAC.

O JAMAC foi criado e vem se realizando com o objetivo de superar um tipo de arte por uma outra perspectiva de arte, sem que a sua autonomia seja afetada. A obra, o resultado final, segue o procedimento individualizado de produção situada no âmbito coletivo, deixando-se guiar pela lógica do fazer artístico, sem portar conteúdos ou narrativas. Esse projeto não é impessoal, pois, mesmo sendo uma associação o JAMAC é resultado do esforço de uma artista, Mônica Nador. E seu cotidiano é a expressão de uma subjetividade. Não se trata de um coletivo em ativismo político programático, par-

tidário ou ideológico, mas, sim, de uma concepção estética realizada tendo em vista opor-se à cisão arte-comunidade. É uma reação à arte que quer ser imune à realidade circundante. Trata-se, portanto, de uma artista que se posiciona na complexa polêmica sobre o sentido e o destino da arte, numa sociedade capitalista e, no caso brasileiro, geradora de graves desigualdades sociais.

Pode-se, então, dizer que Nador investe contra as instituições artísticas e contra a modernidade, buscando a unidade perdida entre arte-sociedade. Nessa direção, essa artista da Geração 80 deixa de produzir suas belíssimas pinturas a partir de 1994 (deve-se lembrar que ela era muito bem reconhecida pelo sistema da arte no Brasil) e recolhe-se a um auto-exílio de quase dez anos. Ao final desse período de reflexão e avaliação crítica, ela ressurgiu com o projeto de uma arte voltada à sociedade. Dois críticos contemporâneos podem melhor elucidar tanto a natureza desse interregno existencial e artístico quanto o resultado dessa nova consciência estética de Nador: no plano nacional, Aracy Amaral, autora do livro *Arte para quê: a preocupação social na arte brasileira, 1930- 1970*, obra editada em 1984; e, na área internacional, o crítico norte-americano Douglas Crimp, autor de *Sobre as ruínas do museu*, cuja discussão relativa ao fim da pintura sensibilizou Nador, levando-a a polemizar com o modernismo, com o formalismo e com o ato isolado do ofício de pintora.

Os antecedentes do JAMAC estão, portanto, na nova concepção de arte que Nador recompõe e na afirmação da sua sensibilidade social. Esse projeto,

em realização e aberto para múltiplas interpretações do seu significado, deixa-se caracterizar claramente por meio dos artigos do seu estatuto. Consta do artigo 2: “O JAMAC tem por finalidade lutar contra a exclusão social; desenvolver a consciência crítica e trabalhar a noção de cidadania dos moradores do bairro Jardim Miriam; constituir-se como centro de trabalho da arte social, onde artistas interessados possam desenvolver essa atividade; tirar as artes plásticas do ‘circuito protegido’ das artes, explorando efetivamente seu potencial transformador.” E o artigo 3 especifica os objetivos da associação: criar um núcleo gerador de ações artísticas que visem melhorar a qualidade de vida do bairro, oferecer uma opção de lazer e cultura para a comunidade e capacitar seus moradores nas suas habilidades artísticas.

A partir dos anos 90, Nador insiste em recuperar o poder da arte e do artista que o modernismo usurpou, uma vez que esse movimento centralizou tais poderes nas instituições ou na arte formalista. Ela pretende, isto sim, apropriar-se do poder transformador da arte para adensar a sua existência e ampliar as condições de vida do outro. Baseando-se nessa relação de alteridade, o JAMAC é a expressão da ruptura de Mônica Nador com uma certa visão de arte, numa direção próxima daquela levantada pelo situacionismo. Contra a arte, superando a arte, Nador propõe uma antiarte. Essa antiarte surge como negação dos limites impostos institucionalmente à arte, que separa arte e sociedade.

Mônica Nador, com o projeto JAMAC,

aproxima duas áreas diferenciadas e específicas: arte e política. Complexo e polêmico encontro entre duas densidades, que podem ou não se misturar, resultando em criativas situações, nas quais a arte mantém condições de autonomia da linguagem ou em perigosas circunstâncias nas quais a arte desaparece o exacerbado manuseio do poder institucional.

O JAMAC encontra-se numa posição intermediária entre a “arte crítica” (situação na qual o artista independente resguarda sua obra da pressão política programada, emergindo como cidadão combativo e pesquisador da linguagem) e a “estetização política” (que supõe a ingerência ideológica, partidária ou estatal na produção artística, instrumentalizando a arte para a mudança da totalidade da sociedade). O JAMAC estaria, assim, na instância da “politização da arte,” como estiveram o surrealismo, o muralismo mexicano e os teatros Oficina e Arena no Brasil. Ou seja, esse projeto cria uma situação na qual a artista privilegia seu papel de ativista, às vezes militante, trazendo sua obra para parâmetros externos à sua subjetividade, mas mantendo a liberdade de decisão e a pesquisa de linguagem. Nesse sentido, significados sociais ou ideológicos passam a alimentar e justificar as ações artísticas, sem que se percam a direção da liberdade de criação e o desenvolvimento formal. Por isso, as paredes, casas ou praças pintadas por Nador e associados almejam a beleza pelas leis da beleza.

Mônica Nador, por meio do JAMAC, buscando unidades perdidas, engendra novas tensões, como o conflito entre

vontade individual da artista e a vontade do outro ou a vontade coletiva; e entre a formação e informação da artista e o aprendizado do outro ou do coletivo. Essas são questões permanentes em uma associação como o JAMAC, que tem sua dinâmica baseada no circuito relacional artista-outro-comunidade. A arte aqui não é entendida apenas na sua dimensão contemplativa (o resultado final sim), mas como parte de uma estratégia na qual a estética é geradora de novas sensibilidades, de construção de subjetividades, da afirmação da humanidade e de novas condições sociais. Mônica Nador e o JAMAC caminham na direção da micropolítica, ao recortar um restrito âmbito de ação e ao reconhecer os embates entre múltiplos poderes. A questão, para Nador, não é transformar a sociedade no seu conjunto, como quer a “estetização da política” que elege a grande utopia para nortear as ações, como ocorreu com o realismo socialista ou a arte nazista. Nador pensa a mudança de subjetividade no interior do grupo associado, da casa do outro ou dentro do bairro, mesmo que guarde o desejo da transformação global do sistema. A artista e a associação estão voltadas para as pequenas transformações. Assim, o palco dos acontecimentos gerados pelo JAMAC é o ateliê. O JAMAC é a vontade de fazer o ateliê funcionar como local de formação, aprendizado, reflexão e produção. Como contraponto encontra-se a casa, o ambiente nuclear da vida que deve ser pintado a partir da participação dos proprietários, que deverão descobrir padrões ou estruturas plásticas recolhidas no próprio ambiente doméstico. Entre essas duas unidades - ateliê e casa – existem as paredes e os muros externos, locais de passagem, se-

jam elas faces externas de edificações, praças, muros de galerias ou paredes de museus. As pinturas de paredes são projetos prioritários do JAMAC, motivos de encontros e colaboração com jovens ou donas-de-casas.

O JAMAC pode ser pensado como um ateliê aberto, que funciona como uma zona de atração, acolhimento, debate, treinamento técnico e produção de obras. Mônica Nador pretende recuperar a vivência estética experimentada pelo artista cercada por outros artistas, característica de um longo período da história da arte, definitivamente eliminado na modernidade. Contra a visão romântica do artista, Nador propõe o trabalho na arte sendo realizado em grupo e nela caberia a seguinte frase: “É necessário mudar esta concepção do artista isolado em si. O artista precisa se fazer necessário”. A produção na arte é trabalho a ser gasto na companhia do outro e o resultado final deve contar com as contribuições do outro sensível. O eu-artista compartilhando sua vivência com o outro-em-formação. Com o projeto JAMAC, Mônica Nador quer dizer “O produto final do meu trabalho artístico deve ser o reflexo da minha relação com o outro”. A arte não é entendida como um ato isolado, mas compartilhado. E essa associação pode levar a transformações de subjetividades e/ou mudanças sociais. A arte não se realiza, assim, no movimento convergente em direção ao interior do artista, mas deve ser feita na expansão da subjetividade do artista para fora de si.

Por isso ganham destaque algumas características do JAMAC. Antes

de mais nada, a estrutura e o funcionamento desta associação estão fundamentados no **processo** e não na obra, no **método** e não na distribuição do produto. É assim que processo e método constituem as tipicidades desse ativismo que se desenrola no Jardim Miriam. O JAMAC também produz um **deslocamento** da arte do espaço privado para o espaço público. Não há mais separação entre ateliê interno e externo. Entretanto, mesmo que a sensibilidade social de Mônica Nador torne sua arte uma experiência comunitária, mesmo que sua vontade pedagógica instrumentalize a arte para o desenvolvimento do outro, a artista individual, radical nas suas proposições estéticas e políticas, não desaparece. A potência do JAMAC está fundamentada na vontade de uma individualidade e a continuidade da associação também está na dependência da presença da pessoa da artista.

Na direção da antiarte, as contribuições do outro são parcelas que constroem a obra final, esgarçando o conceito ou o rótulo de “artista” que, agora, pode ser uma dona-de-casa, um jovem grafiteiro, um músico ou um líder comunitário, uma vez que todos guardam a qualidade de criador. Quem legitima a multiplicação da condição de artista é a própria artista Mônica Nador. No âmbito do ateliê (interno e externo) o outro torna-se artista, desestruturando a noção de autor/autoria. Diferentemente de outras formas de ativismo político, o JAMAC desenvolve uma trajetória de tempo indeterminado, que se confunde com o potencial universal da arte e com a duração da vida.

Miguel Chaia é professor do Departamento de Política, do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política desta universidade

JAMAC

uma janela
para a arte e cultura no Jardim Miriam
Mauro Pinto de Castro

A presença do JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube), entidade situada em um bairro periférico da cidade de São Paulo, talvez não contribua de maneira definitiva para mudar, em larga escala, a imagem de uma região marcada pela exclusão e pela violência. Como projeto que contempla o sensível, talvez não cumpra, por si só, o papel de reverter todas as mazelas de uma sociedade perversa, inadequada e excludente que penaliza continuamente e de maneira severa uma juventude carente de oportunidades, impedindo-a de sonhar e viajar além da incansável disputa pela sobrevivência. O JAMAC, entretanto, materializado com a tenacidade de Mônica Nador, representa aquela pedra lançada ao lago que espalha ondas e interfere, mesmo que sutilmente, no comportamento de tudo o que está nos limites das ondas que reverberam.

O Jardim Miriam, bairro da periferia sul de São Paulo, possui algumas características que podemos identificar como específicas de uma região cujo loteamento atendeu muito mais a interesses imobiliários do que propriamente cumpriu o papel social de facilitador para que os trabalhadores tivessem acesso à moradia de baixo custo. O loteamento, constituído a partir de uma antiga fazenda, embarcou no contexto de expansão das áreas periféricas da cidade para garantir moradia a trabalhadores migrantes que, no início dos anos cinqüenta vislumbraram, na nascente indústria, a possibilidade de melhoria na qualidade de vida. Sucessivas levas de migrantes ocuparam áreas anteriormente reservadas à criação de espaços verdes e comunitários, erguendo as primeiras favelas dessa parte da cidade de São Paulo. Os “novos” aglomerados foram crescendo sem o devido acompanhamento do poder público no

que diz respeito à infra-estrutura básica para acolher a crescente população. Esse contexto forjou uma periferia não muito distante do centro de São Paulo, porém submetida a um descompromisso absoluto por parte das autoridades.

No final da década de sessenta e na década de setenta, as jovens famílias que ocupam a região vêem seus filhos crescerem sem acesso a educação, saúde e lazer, entre outros bens básicos, e, portanto, sem garantias de um crescimento minimamente adequado. Dessa maneira, os filhos da população crescente dos migrantes de baixa renda, tais como ajudantes na indústria ou empregados da construção civil, entre outros, tornaram-se presa fácil para a criminalidade dentro de uma sociedade de consumo que lhes criava expectativas sem lhes dar oportunidades, submetendo-os, dessa forma, a uma estrutura social absolutamente assimétrica. Diante desse quadro e sem possibilidade de criar alternativas, um contingente significativo dos filhos da periferia se envereda para a criminalidade fácil, fazendo da região, que tem como centro de referência o Jardim Miriam, um dos bairros mais violentos da cidade de São Paulo, chegando, em alguns períodos, como nos meados da década de noventa, a assumir o desonroso posto de região mais violenta da cidade pelo alto índice de letalidade, fruto de ações violentas, em grande parte por motivos fúteis.

Apenas a constatação desse fato já justificaria uma ação do poder público em criar alternativas de lazer e educação diferenciados para atender a um público submetido à exclusão e aglomerado em amontoados urbanos, com dificuldade de acesso a manifestações culturais e artísticas; necessidades estas que deveriam

ser contempladas por toda humanidade como extensão da vida em sociedade. Na região, é evidente que faltam investimentos mais sólidos para garantirem direitos a contingentes significativos de jovens submetidos ao apelo do consumo e, ao mesmo tempo, excluídos dos direitos de cidadãos.

Nesse sentido, a proposta do Jardim Miriam Arte Clube em se constituir como uma alternativa artística e cultural vem abrindo um conjunto de possibilidades para envolver jovens da periferia em uma ação positiva, resgatando-lhes o direito à cidadania e fazendo com que a manifestação artística possa ser compartilhada, desenvolvida e motivo de pleno envolvimento social.

Com a proposta de espaço aberto, o JAMAC garantiu, nos últimos dois anos, a realização de diversas ações que vão muito além do foco principal. Enquanto espaço de prática artística, possibilitou a formação continuada em cursos que problematizam a economia, a política e a filosofia, entre outros saberes, numa perspectiva que mostra como o conhecimento pode migrar e fazer uma ponte sólida entre a academia e iniciativas populares que buscam a reflexão de forma sistematizada.

Pelas mãos de Mônica Nador e com o envolvimento de comunidades que se encontram em situação mais fragilizada, o JAMAC propõe-se também a uma intervenção direta na comunidade, construindo uma beleza não para ser mostrada e sim compartilhada, pois está somando esforços para que populações de áreas carentes como as da favela da rua Dois, na Av. Brás de Abreu, no Jardim Miriam, possam, num futuro próximo, compartilhar

cultura, arte e viver bem ainda que morando na periferia e inexistindo para o poder público.

Mauro Pinto de Castro morador do bairro, membro do Núcleo Aparecida Gerônimo, integrante do Coletivo Consulta Popular e colaborador do JAMAC

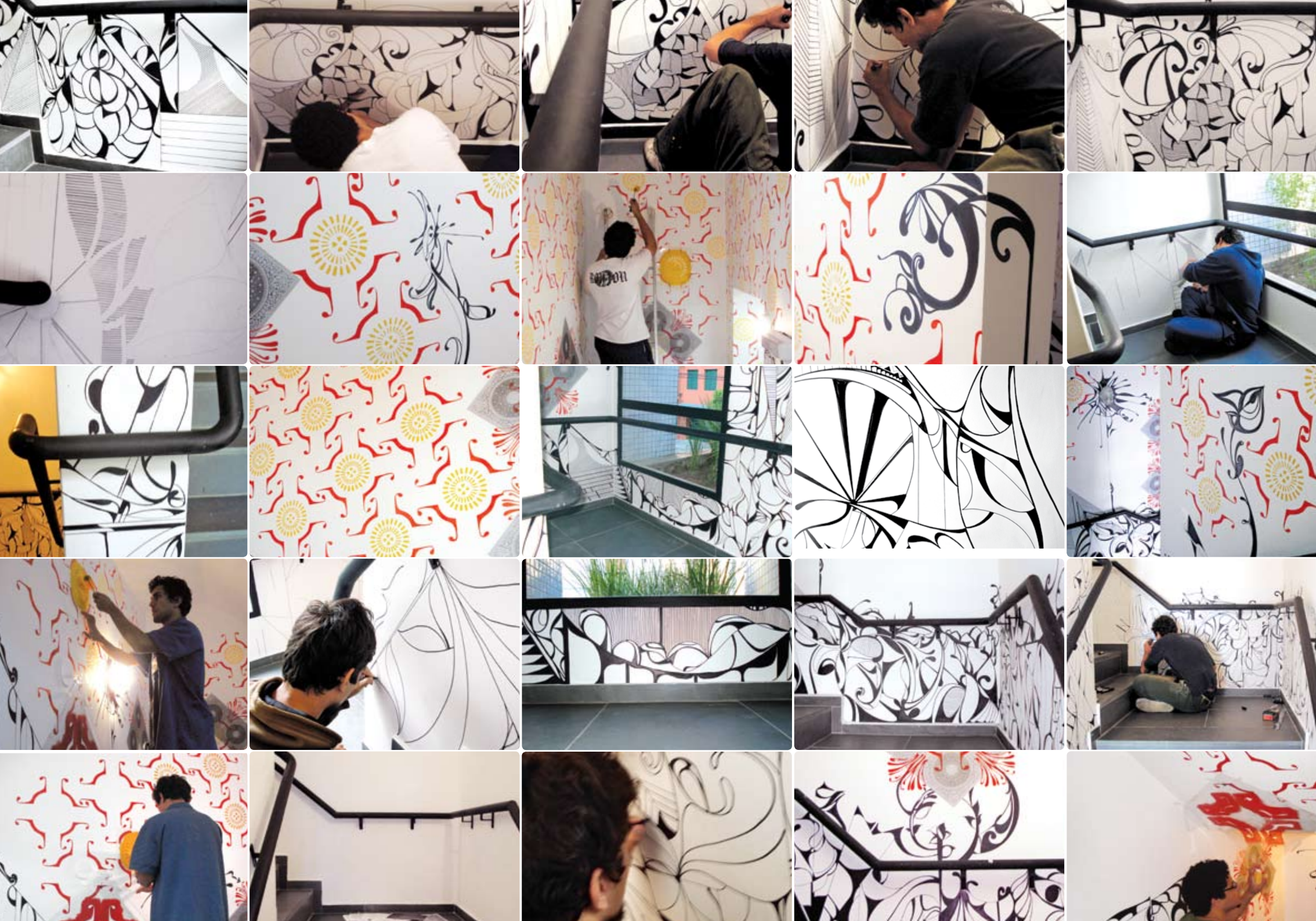
















JAMAC
jardim miriam arte clube





“Paredes Pinturas” no bairro

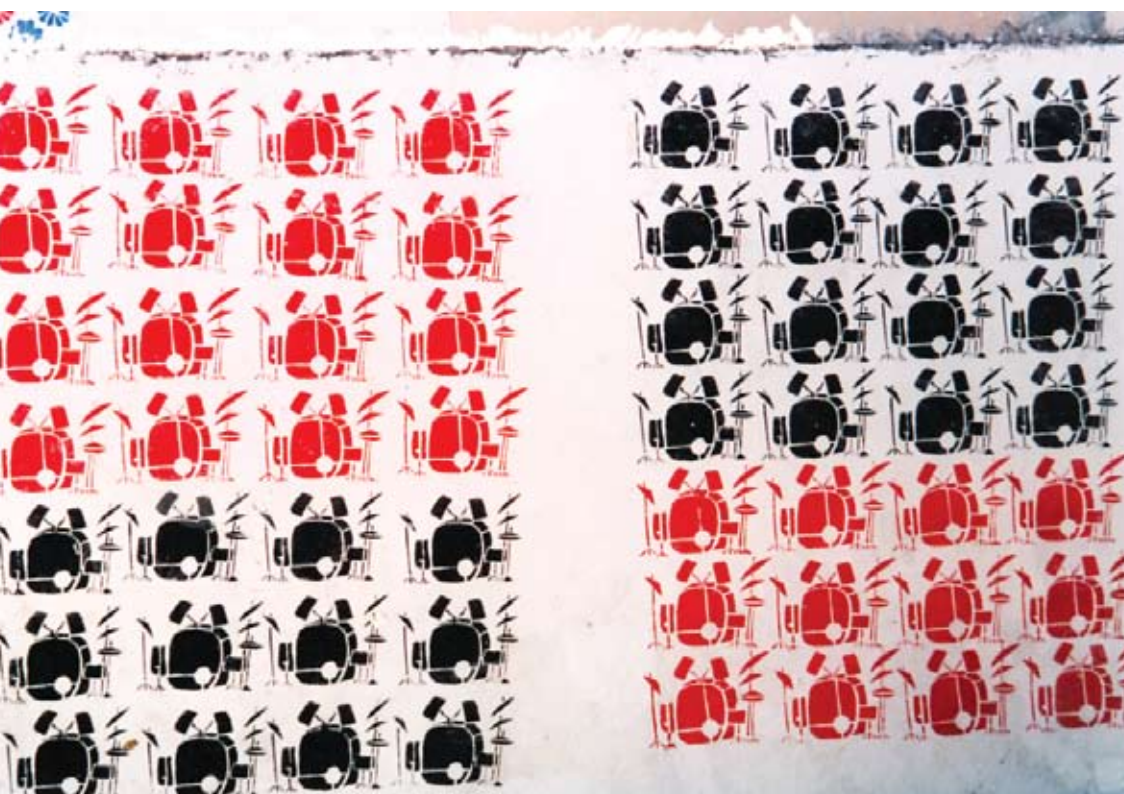
O primeiro objetivo do JAMAC foi aplicar, em paredes do bairro, os estênceis desenvolvidos no ateliê a partir de desenhos feitos por seus freqüentadores em muros internos e externos de escolas, residências e outros. Nas residências, os desenhos são feitos, na maioria dos casos, pelos próprios habitantes. Na escola, os desenhos são dos alunos.



“Paredes Pinturas” en el barrio

El primer objetivo del JAMAC fue aplicar los estênciles desarrollados en el atelier, a partir de dibujos realizados por los participantes en paredes del barrio, en muros internos y externos de escuelas, casas y otros. En las casas, los dibujos son hechos, en la mayoría de los casos, por los propios habitantes. En la escuela, los dibujos son de los alumnos.







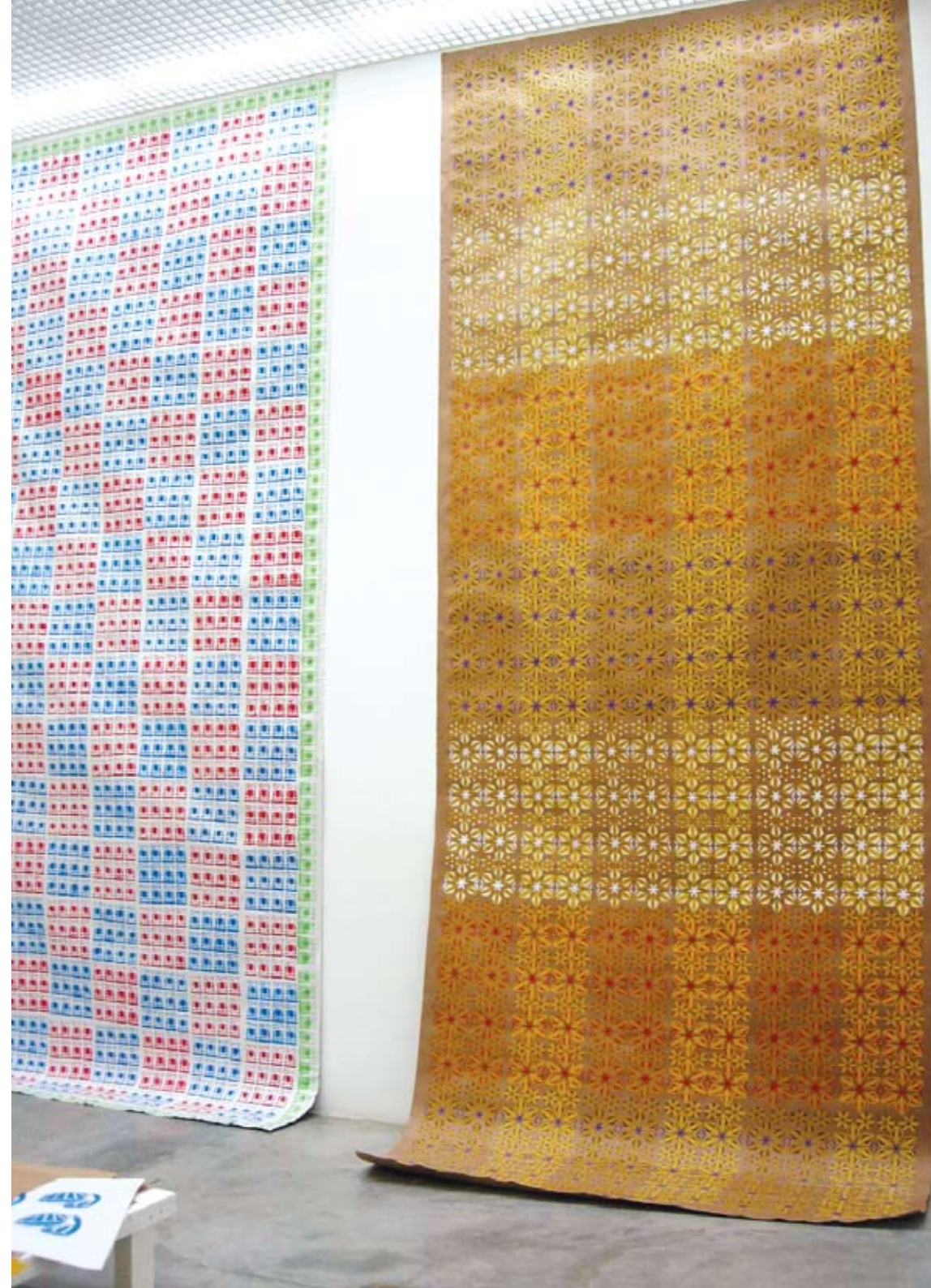


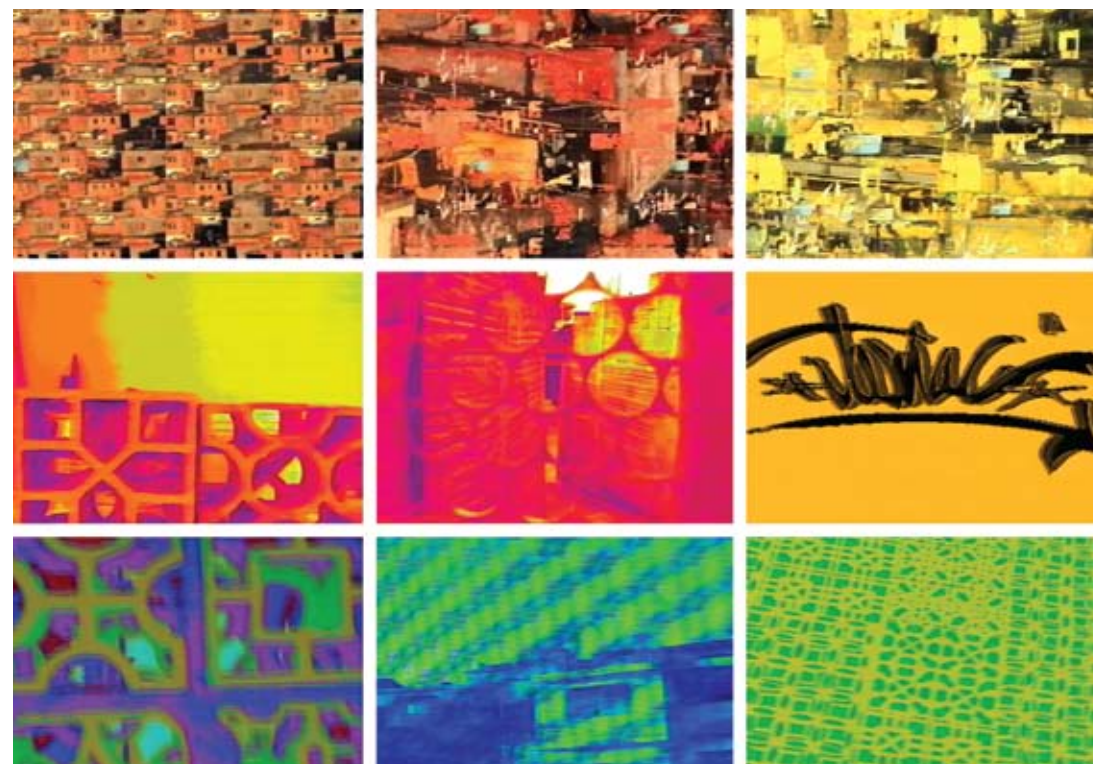
2005, galeria Vermelho, São Paulo

Realizamos uma exposição na galeria Vermelho com o intuito de divulgar o projeto. Mostramos os estênceis aplicados à parede, papéis de grandes formatos, camisetas, além de uma projeção de imagens de grandes dimensões desenvolvidas em oficina com o coletivo Bijari.

2005, galería Vermelho, São Paulo

Realizamos una exposición en la galería Vermelho con la intención de divulgar el proyecto. Mostramos los estênciles aplicados en la pared, papeles de gran formato, camisetas; realizamos además una proyección de imágenes de grandes dimensiones, desarrolladas en taller junto al colectivo Bijari.





2005, ano do Brasil na França

O JAMAC participou de vários eventos naquele país, dentre eles, o festival Rio Loco!, em Toulouse, onde realizamos a pintura do grande portal de entrada do festival de cultura, principalmente de música brasileira, com estênceis realizados a partir de desenhos feitos por jovens artistas do Jardim Miriam. Quatro deles viajaram com Mônica Nador àquele país. Uma exposição na galeria Croix Baragnon, da Prefeitura, também foi realizada pelo mesmo grupo.

2005, año de Brasil en Francia

En Francia, el JAMAC participó en varios eventos; entre ellos, el festival Rio Loco!, en Toulouse, donde se realizó la pintura de la entrada principal del festival de cultura -principalmente de música brasileña-, con esténciles hechos a partir de dibujos de jóvenes artistas del Jardim Miriam. Cuatro de ellos viajaron junto con Mônica Nador, realizando también una exposición en la galería Croix Baragnon, del Ayuntamiento.







2005, Basse Normandie, França

No Centre D'Art Contemporain WHARF, pintamos paredes com motivos produzidos no Jardim Miriam e mostramos fotografias dos lugares onde primeiramente eles foram usados.



2005, Baja Normandía, Francia

En el Centre D'Art Contemporain WHARF pintamos paredes con motivos producidos en el Jardim Miriam, y mostramos fotografías de los lugares donde primeramente fueron usados.







**2006, Virada Cultural
Jardim Miriam, São Paulo.**

Nesse programa da Secretaria de Cultura do Município, pintamos as muretas da principal praça do bairro, idéia de um dos jovens freqüentadores do ateliê.

**2006, Virada Cultural
Jardim Miriam, São Paulo.**

En este programa de la Secretaría de Cultura del Municipio pintamos los contenes de la plaza principal del barrio, idea de uno de los jóvenes participantes del atelier.



2006, 27ª Bienal de São Paulo

O JAMAC participou da Bienal expondo trabalhos do grupo e de outros artistas do bairro. Realizamos um painel que ficou exposto no prédio da Fundação Bienal sinalizando o ponto do ônibus que levava, duas vezes por semana, o público interessado até o JAMAC.

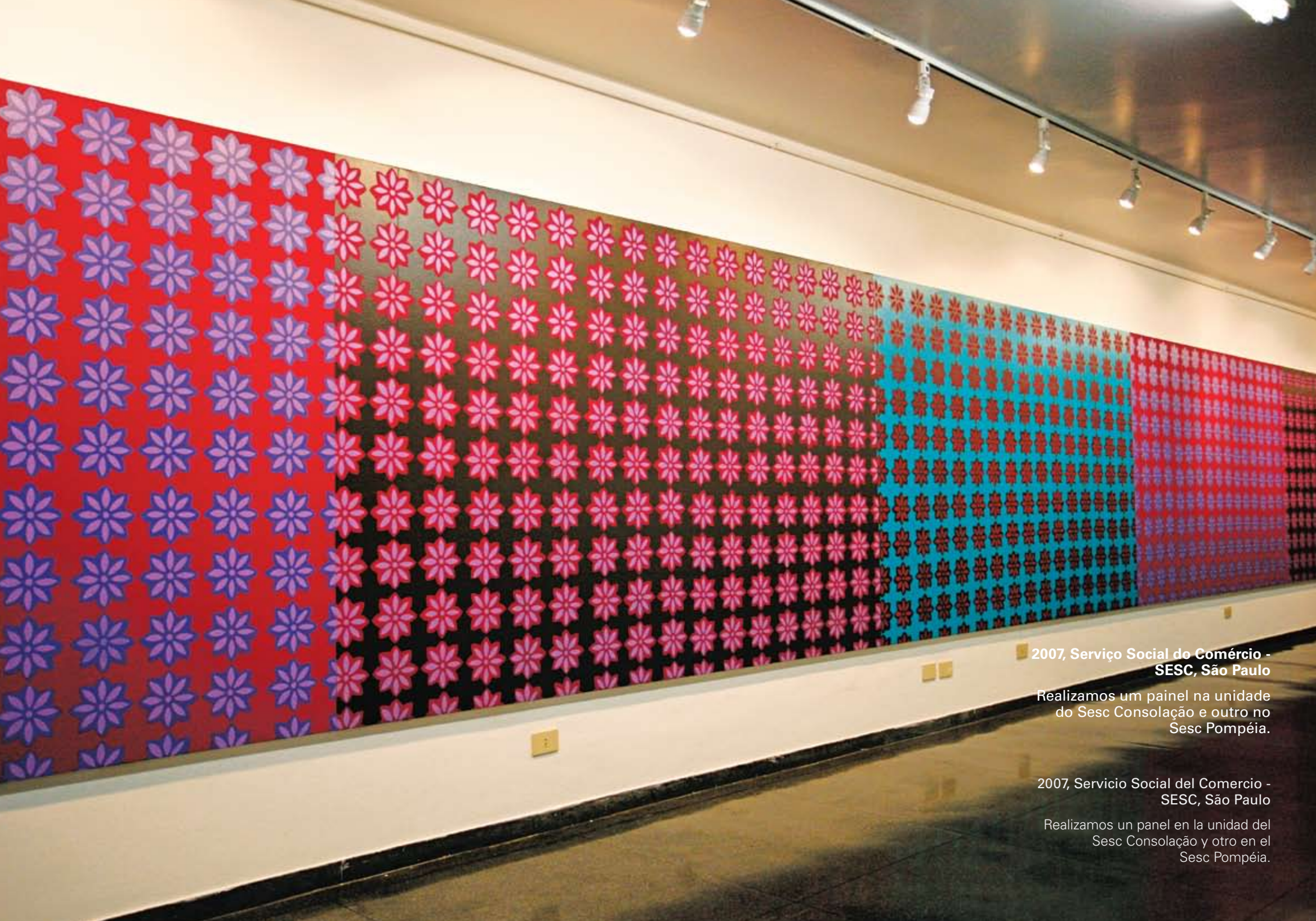


2006, 27ª Bienal de São Paulo

El JAMAC participó de la Bienal exponiendo trabajos del grupo y de otros artistas del barrio. Realizamos un panel que fue expuesto en el edificio de la Fundação Bienal, indicando la parada de autobús que, dos veces por semana, llevaba al público interesado al JAMAC.





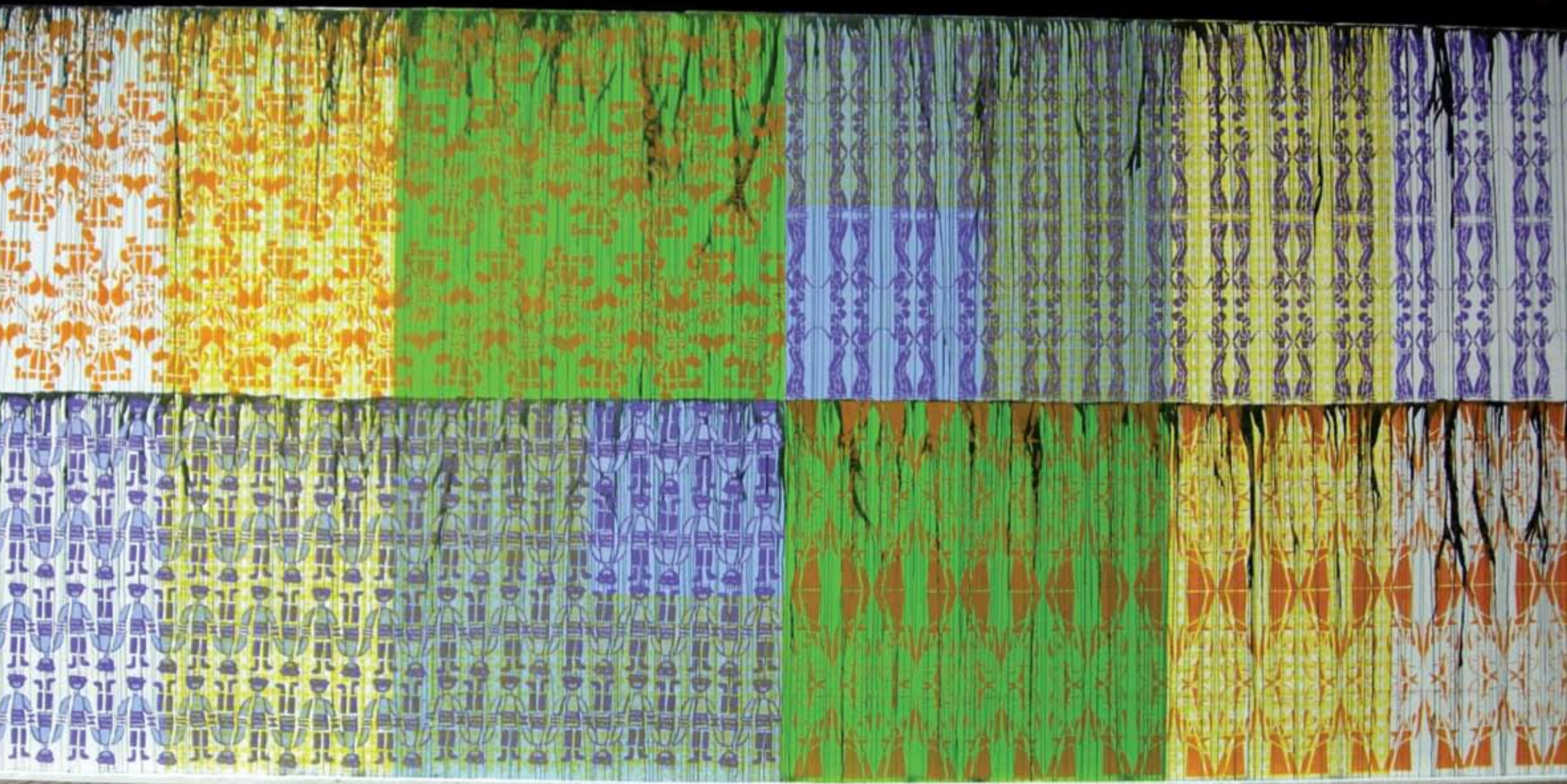


2007, Serviço Social do Comércio -
SESC, São Paulo

Realizamos um painel na unidade
do Sesc Consolação e outro no
Sesc Pompéia.

2007, Servicio Social del Comercio -
SESC, São Paulo

Realizamos un panel en la unidad del
Sesc Consolação y otro en el
Sesc Pompéia.



Cuando en 2004 llegué por primera vez a São Paulo, una única persona estaba pendiente de mí, Regina Silveira, quien alertada por Antoni Muntadas, me enviaba periódicos correos preguntándome ¿ya estás aquí?.

Y a lento ritmo burocrático llegué, sí, a la gran ciudad, enviada por la Agencia Española de Cooperación Internacional con la encomienda de crear un Centro Cultural de España en la ciudad, adscrito a su Red de Cooperación Cultural Iberoamericana.

Entre las muchas personas a las que Regina me fue introduciendo en su afán por allanarme el desembarco en Sao Paulo, se contaban artistas, críticos, gestores culturales, académicos... muchos de ellos sus exalumnos. Hizo especial hincapié en que conociese a un grupo de éstos porque estaba segura de que me gustarían. JAMAC, el proyecto que en Jardim Miriam estaban llevando a cabo de forma colectiva y junto a los vecinos las artistas Mónica Nador y Lucia Koch, el paisajista Fernando Limberger y el especialista en ciencias políticas João Haddad, con la colaboración de la productora cultural Silvia Sasaoka, que les daba apoyo logístico, y del arquitecto Pola Pazzanese, que asesoraba en asuntos varios.

Me encontré primero con el grupo en un almuerzo en Pinheiros, en el que a duras penas comprendía el propósito de su trabajo con los vecinos del Jardim: ¿contribuir a la mejoría de la calidad de vida de los vecinos de un barrio periférico, por medio de la participación de éstos en la toma de decisión sobre opciones estéticas aplicadas por ellos mismos en los espacios públicos y viviendas que habitan?; ¿mejora

de su calidad de vida por medio del ajardinamiento de sus pequeñas viviendas o microespacios hasta entonces ocupados por desechos?; ¿a través del debate de temas de sociología, política y economía, aterrizando los epígrafes de la macroeconomía y ciencias políticas al microcosmos de los politizados socios de JAMAC?

Sin duda la conversación tenía que continuar con una visita al barrio. En esa primera oportunidad fueron mis cicerones Lucía y Fernando, que me fueron presentando a los vecinos que íbamos encontrando por el camino o cuyas casas o jardincitos me llevaron a conocer.

Ese primer paseo por el Jardim Miriam, al que siguieron otros, me aclaró mucho sobre qué pretendía ese grupo de artistas y activistas al compartir su tiempo y creatividad con una comunidad a la que, en realidad, no pertenecían. Y era simplemente eso, compartir y pasar a pertenecer.

Mónica Nador se trasladó a vivir permanentemente al barrio y la dinámica llevó a que sólo ella, de entre el grupo inicial, siga activa en el proyecto junto a los vecinos. Yo continué yendo ocasionalmente para participar en el “Café Filosófico JAMAC” los sábados por la tarde, pero además he tenido el privilegio de trasladar al espacio que el Centro Cultural de España ocupa en el centro de la ciudad un “toque” de aquella comunidad.

Para celebrarlo, he aquí esta publicación.

Ana Tomé

Directora

Centro Cultural de España en São Paulo

El Jardim Miriam Arte Clube (JAMAC) debe ser visto como una de las posibilidades abiertas por el arte contemporáneo, en que la libertad del artista se amplía cada vez más. La actual confrontación con la modernidad, la ruptura de fronteras entre soportes, lenguajes y áreas del conocimiento, más allá de la aproximación entre diversos estratos de la cultura, permiten que el arte actual engendre locus de nuevas experimentaciones estéticas, acopladas a las tensiones sociales existentes alrededor del artista. Si la relación entre arte y estética siempre acompañó a la producción artística, actualmente la reunión entre ellas puede configurarse como una dimensión básica del quehacer artístico. En esas circunstancias abiertas por la contemporaneidad surge el JAMAC, lugar de encuentros entre arte y vida, estética y política, artista y sociedad.

Este proyecto, coordinado por Mônica Nador, plantea interrogantes que remiten al significado al del origen del arte, cuando todavía no existía separación entre arte y sociedad; arte y religión; productor y obra. El JAMAC es una realización que expresa un deseo de retorno a la unidad perdida que, paradójicamente, es reivindicada en una época de creciente individualismo, pero también de valoración del hibridismo y de la heterogeneidad.

Los años 60 promovieron la revisión crítica del papel del arte y del sentido de la política, posibilitando que un nuevo tipo de activismo floreciera, el cual, siendo artístico, pretendía ser político y, siendo político, buscaba su perfil estético. Arte y política se entrecruzaban con acción y conocimiento. Así, las movilizaciones por los Derechos Humanos, las reacciones ante la guerra de

Vietnam, los movimientos estudiantiles y la expansión de la contracultura, no sólo cuestionaron las más diversas formas de poder, las autoridades y los valores institucionales, sino que demostraron las aproximaciones entre contingencias sociales y expresiones estéticas.

En ese sentido vale destacar como ejemplo, la reflexión y la práctica “situacionista”, movimiento que incluye la producción artística en el interior de una revolución cultural mundial. Cualquier cambio social debería pasar por la transformación cultural. El eje de ese movimiento se encuentra en la obra del francés Guy Debord que, entre los años 50 y 60, elaboró un análisis crítico de la “sociedad del espectáculo”, un momento avanzado de la sociedad capitalista. En la obra *Sociedad del espectáculo*, de 1967, Debord enfatiza que el arte debe crear situaciones en lugar de expresar las que ya existen. Contra el espectáculo representado por el capital -productor de mercancía y de la forma-imagen-, el arte debe inventar nuevas pasiones, engendrar nuevas relaciones y, de esa forma, reactivar la vida. Para esto, del mismo modo que la forma de hacer política debe ser reelaborada, también el arte debe ser superado. Debord propone un arte nuevo contra el arte del capital; otra expresión estética contra el arte-mercancía, para combatir la presión que limita o impide la vida. Debord escribe en el punto 186 del citado libro: “Al perder la comunidad de la sociedad del mito, la sociedad debe perder todas las referencias de un lenguaje efectivamente común, hasta el momento en que la escisión de la comunidad inactiva pueda ser superada por el acceso a la real comunidad histórica. El arte, que es ese lenguaje común de la inacción social desde que se

constituyó como arte independiente en el sentido moderno, cuando emerge de su primer universo religioso y se convierte en producción individual de obras separadas conoce, como caso particular, el movimiento que domina la historia del conjunto de la cultura separada. Su afirmación independiente es el comienzo de su disolución. El autor señala, con el surgimiento de la modernidad, una escisión entre arte y sociedad, dando lugar al hecho de que el arte independiente y el arte institucional conducen a la desaparición del arte. Ese proceso lleva al mundo a la “pérdida de su centro,” que ocurre cuando el arte entra en su “época de disolución.” Para Debord, con el desarrollo de la modernidad se percibe una tendencia a la supresión del arte (así como propone la necesidad de la supresión de la política): “El dadaísmo quiso suprimir el arte sin realizarlo; el surrealismo quiso realizar el arte sin suprimirlo” (item 191). En ese sentido afirma que la posición de los situacionistas “mostró que la supresión y la realización del arte son aspectos inseparables de una misma superación del arte” (191). Esas formulaciones y propuestas situacionistas ayudan a dilucidar el significado del JAMAC.

El JAMAC fue creado y actúa con el objetivo de superar un tipo de arte por otro con diferente perspectiva, sin que su autonomía sea afectada. La obra, el resultado final, sigue el procedimiento individualizado de producción situada en el ámbito colectivo, dejándose guiar por la lógica del quehacer artístico, sin imponer contenidos o narrativas. Este proyecto no es impersonal, pues aunque es una asociación, el JAMAC es el resultado del esfuerzo de una artista, Mônica Nador. Y su día a día es la expresión de una

subjetividad. No se trata de un colectivo en activismo político programático, partidario o ideológico, sino de una concepción estética realizada con vistas a oponerse a la escisión arte-comunidad. Es una reacción al arte que se quiere inmune ante la realidad circundante. Se trata, por tanto, de una artista que asume una posición en la compleja polémica sobre el sentido y el destino del arte en una sociedad capitalista que en el caso brasileño genera de graves dificultades sociales.

Puede decirse entonces que Nador arremete contra las instituciones artísticas y contra la modernidad, buscando la unidad perdida entre arte-sociedad. En esa dirección, esta artista de la Generación de los 80 deja de producir sus bellísimas pinturas a partir de 1994 (debemos recordar que ella era muy reconocida por el sistema del arte en Brasil) y se retira en un autoexilio de casi diez años. Al final de ese período de reflexión y evaluación crítica, ella resurge con el proyecto de un arte dirigido a la sociedad. Dos críticos contemporáneos pueden dilucidar mejor, tanto la naturaleza de ese interregno existencial y artístico, como el resultado de esa nueva conciencia estética de Nador: en el plano nacional, Aracy Amaral, autora del libro *Arte para qué: la preocupación social en el arte brasileño, 1930-1970*, obra editada en 1984; y, en el área internacional, el crítico estadounidense Douglas Crimp, autor de *Sobre las ruinas del museo*, cuya discusión sobre el fin de la pintura sensibilizó a Nador, llevándola a polemizar con el modernismo, con el formalismo y con el acto aislado del oficio de pintora.

Los antecedentes del JAMAC se encuentran, por tanto, dentro de la nueva

concepción del arte que Nador recompone, y en la afirmación de su sensibilidad social. Este proyecto, en activo y abierto a múltiples interpretaciones de su significado, se caracteriza claramente por medio de los artículos de su estatuto. En el artículo 2 consta: “El JAMAC tiene como finalidad luchar contra la exclusión social; desarrollar la conciencia crítica y trabajar la noción de ciudadanía de las personas que viven en el barrio Jardim Miriam; constituirse como centro de trabajo del arte social, donde artistas interesados puedan desarrollar esa actividad; sacar a las artes plásticas del ‘circuito protegido’ de las artes, explorando efectivamente su potencial transformador.” Y el artículo 3 especifica los objetivos de la asociación: crear un núcleo generador de acciones artísticas con vistas a mejorar la calidad de vida del barrio, ofrecer una opción de entretenimiento y cultura para la comunidad y capacitar a sus habitantes en sus habilidades artísticas.

A partir de los años 90, Nador insiste en recuperar el poder del arte y del artista que el modernismo usurpó, dado que ese movimiento centralizó tales poderes en las instituciones o en el arte formalista. Ella pretende, eso sí, apropiarse del poder transformador del arte para darle densidad a su existencia y ampliar las condiciones de vida del otro. Basándose en esa relación de alteridad, el JAMAC es la expresión de la ruptura de Mônica Nador con una cierta visión del arte, en un sentido próximo de aquel planteado por el situacionismo. Contra el arte, superando el arte, Nador propone un antiarte. Ese antiarte surge como negación de los límites impuestos institucionalmente al arte, que separa arte y sociedad.

Con el proyecto JAMAC, Mônica Nador acerca dos áreas diferenciadas y específicas: arte y política. Complejo y polémico encuentro entre dos densidades, que pueden o no mezclarse, dando lugar a situaciones creativas, en las que el arte mantiene condiciones de autonomía del lenguaje, o en circunstancias peligrosas en las que el arte borra la manipulación exacerbada del poder institucional.

El JAMAC se encuentra en una posición intermediaria entre el “arte crítico” (situación en la cual el artista independiente resguarda su obra de la presión política programada, emergiendo como ciudadano combativo e investigador del lenguaje) y la “estetización política” (que supone la ingerencia ideológica, partidaria o estatal en la producción artística, instrumentalizando al arte para transformar toda la sociedad). Así, el JAMAC se encontraría en la instancia de la “politización del arte,” como lo estuvieron el surrealismo, el muralismo mexicano y, en Brasil, los teatros Oficina y Arena. O sea, ese proyecto crea una situación en la que la artista privilegia su papel de activista, a veces militante, trayendo su obra hacia parámetros externos a su subjetividad, pero manteniendo la libertad de decisión y la indagación del lenguaje. En este sentido, significados sociales o ideológicos pasan a alimentar y justificar las acciones artísticas, sin que se pierdan la dirección de la libertad de creación y el desarrollo formal. Por eso, las paredes, casas o plazas pintadas por Nador y los asociados, anhelan la belleza a partir de las leyes de la belleza.

Al buscar unidades perdidas, Mônica Nador, por medio del JAMAC, produce nuevas tensiones, como el conflicto entre la voluntad individual de la artista y la voluntad del otro, o la voluntad colectiva; y entre la formación e información de la artista y el aprendizaje del otro o del colectivo. Esas son las cuestiones permanentes en una asociación como el JAMAC, cuya dinámica está basada en el circuito de relaciones artista-otro-comunidad. El arte aquí no es entendido sólo en su dimensión contemplativa (el resultado final sí), sino como parte de una estrategia en la cual la estética genera nuevas sensibilidades, de construcción de subjetividades, de afirmación humana y de nuevas condiciones sociales. Mônica Nador y el JAMAC transitan en dirección de una micropolítica, al delimitar un ámbito de acción restringido y al reconocer los enfrentamientos entre poderes múltiples. Para Nador, el asunto no es transformar la sociedad en su conjunto, como quiere la “estetización de la política” que elige la gran utopía para orientar las acciones, como ocurrió con el realismo socialista o el arte nazi. Nador piensa el cambio de subjetividad en el interior del grupo asociado, de la casa del otro o dentro del barrio, aunque preserve el deseo de transformación global del sistema. La artista y la asociación se dirigen hacia las pequeñas transformaciones. Así, el escenario de los acontecimientos generados por el JAMAC es el atelier. El JAMAC es el deseo de hacer que el atelier funcione como local de transformación, aprendizaje, reflexión y producción. Como contrapunto se encuentra la casa, el ambiente esencial de la vida que debe ser pintado a partir de la participación de los propietarios, que deberán descubrir patrones o estructuras

plásticas contenidas en el propio ambiente doméstico. Entre esas dos unidades -atelier y casa- existen las paredes y los muros externos, locales de paso, ya sean las fachadas de las edificaciones, plazas, muros de galerías o paredes de museos. Las pinturas de paredes son proyectos prioritarios del JAMAC, motivos de encuentros y colaboración con jóvenes o amas de casa.

El JAMAC puede ser considerado como un atelier abierto, que funciona como una zona de atracción, acogimiento, debate, entrenamiento técnico y producción de obras. Mônica Nador pretende recuperar la vivencia estética experimentada por el artista rodeado de otros artistas, característica de un largo período de la historia del arte, definitivamente eliminado en la modernidad. Contra la visión romántica del artista, Nador propone el trabajo artístico realizado en grupo, y en él cabría la siguiente frase: “Es necesario cambiar esta concepción del artista aislado. El artista necesita hacerse necesario.” La producción en el arte es trabajo desempeñado en compañía del otro, y el resultado final debe contar con las contribuciones de la sensibilidad del otro. El yo-artista compartiendo su vivencia con el otro-en-formación. Con el proyecto JAMAC, Mônica Nador quiere decir: “el producto final de mi trabajo artístico debe ser el reflejo de mi relación con el otro.” El arte no es entendido como un acto aislado, sino compartido. Y esa asociación puede llevar a la transformación de subjetividades y/o a cambios sociales. Así, el arte no se realiza en el movimiento convergente en dirección al interior del artista, sino que debe ser hecho en la expansión hacia fuera de la subjetividad del artista.

Por eso algunas características del JAMAC obtienen relevancia. La estructura y el funcionamiento de esta asociación están fundamentados, antes que nada, en el **proceso** y no en la obra, en el **método** y no en la distribución del producto. Es así que proceso y método constituyen las particularidades de ese activismo desarrollado en el Jardim Miriam. El JAMAC también produce un **dislocamiento** del arte, del espacio privado hacia el espacio público. No hay ninguna separación entre atelier interno y externo. No obstante, aunque la sensibilidad social de Mônica Nador convierta su arte en una experiencia comunitaria, o su propuesta pedagógica instrumente el arte para el desarrollo del otro, la artista individual, radical en sus proposiciones estéticas y políticas no desaparece. La potencia del JAMAC se encuentra fundamentada en el deseo de expresar la individualidad, y la continuidad de la asociación también depende de la presencia de la artista.

En el sentido del antiarte, las contribuciones del otro son fragmentos que construyen la obra final, ampliando el concepto o rótulo de “artista” que, ahora, puede ser un ama de casa, un joven grafitero, un músico o un líder comunitario, ya que todos proveen la cualidad de creador. Quien legitima la multiplicidad de la condición de artista es la propia Mônica Nador. En el ámbito del atelier (interno y externo) el otro se torna artista, desestructurando así la noción de autor/autoría. Diferente de otras formas de activismo político, el JAMAC desarrolla una trayectoria de tiempo indeterminado, que se confunde con el potencial universal del arte y con la duración de la vida.

Miguel Chaia es profesor del Departamento de Política del curso de Posgraduação en Ciencias Sociales de la PUC-SP, e investigador del Núcleo de Estudios en Arte, Media y Política de esta universidad

JAMAC: una ventana para el arte y la cultura en el Jardim Miriam

Mauro Pinto de Castro

La presencia del JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube), entidad situada en un barrio periférico de la ciudad de São Paulo, tal vez no contribuya de manera definitiva a cambiar, a gran escala, la imagen de una región marcada por la exclusión y por la violencia. Como proyecto que contempla lo sensible, quizá no cumpla por sí mismo el papel de revertir todos los flagelos de una sociedad perversa, inadecuada y excluyente que penaliza continuamente, y de manera severa, a una juventud con falta de oportunidades, impidiéndole soñar y viajar más allá de los límites de la continua disputa por la supervivencia. Sin embargo, el JAMAC, materializado por la tenacidad de Mônica Nador, representa aquella piedra lanzada a un lago que expande sus olas e incide, aunque de manera sutil, en el comportamiento de todo lo que está en los límites de esas olas que reverberan.

El Jardim Miriam, barrio de la periferia sur de São Paulo, posee algunas características que podemos identificar como específicas de una región cuya parcelación se dedicó mucho más a los intereses inmobiliarios, que a la función de cumplir el papel social de facilitador para que los trabajadores tuvieran acceso a viviendas de bajo costo. El parcelamiento, constituido a partir de una antigua hacienda, embarcó en el contexto de expansión de las áreas periféricas de la ciudad para garantizar vivienda a los trabajadores emigrantes que, a comienzos de los años cincuenta, vieron en la naciente industria una posibilidad de mejoría en la calidad de vida. Sucesivas oleadas de emigrantes ocuparon áreas anteriormente reservadas para la creación de espacios verdes y comunitarios, en las que se irguieron las primeras favelas de esa parte de la ciudad de São Paulo. En lo que respecta a la infraestruc-

tura básica para acoger a la creciente población, los “nuevos” conglomerados fueron creciendo sin la debida supervisión del poder público. Ese contexto produjo una periferia no muy distante del centro de São Paulo, sometida a una falta de compromiso absoluto por parte de las autoridades. A finales de la década del sesenta y en la década del setenta, las jóvenes familias que ocupan la región ven crecer a sus hijos sin acceso a educación, salud y entretenimiento, entre otros bienes básicos, y, por tanto, sin garantías de un crecimiento mínimamente adecuado. De esa manera, los hijos de la creciente población de emigrantes de baja renta, como ayudantes en la industria o empleados de la construcción civil, entre otros, se convirtieron en presa fácil de la criminalidad, en una sociedad de consumo que les creaba expectativas sin darles oportunidades, sometiéndolos de ese modo a una estructura social absolutamente asimétrica. Ante este cuadro, y sin posibilidad de crear alternativas, un grupo significativo de los hijos de la periferia entra en el camino de la criminalidad fácil, convirtiendo a la región que tiene como centro de referencia al Jardim Miriam en uno de los barrios más violentos de la ciudad de São Paulo. En algunos períodos, como a mediados de la década del noventa, llegó a asumir el deshonroso puesto de región más violenta de la ciudad, debido al alto índice de letalidad, fruto de acciones violentas, en su mayoría por motivos insignificantes.

La constatación de este hecho ya justificaría por sí mismo una acción del poder público para crear alternativas de entretenimiento y educación diferenciadas, en busca de atender a una población sometida a la exclusión, hacinada en barrios marginales, con dificultad de acceso a

manifestaciones culturales y artísticas; necesidades éstas que deberían ser contempladas por toda la humanidad como prolongación de la vida en sociedad. Es evidente que en la región faltan inversiones sólidas que garanticen los derechos de los jóvenes sometidos a las exigencias del consumo y, al mismo tiempo, excluidos de los derechos ciudadanos.

En ese sentido, la propuesta del Jardim Miriam Arte Clube de constituirse en alternativa artística y cultural viene abriendo un conjunto de posibilidades para involucrar a los jóvenes de la periferia en una acción positiva, restituyéndoles el derecho de ciudadanía, haciendo que la manifestación artística pueda ser compartida y desarrollada, y con pleno compromiso social.

Con la propuesta de espacio abierto, el JAMAC garantizó en los últimos dos años la realización de diversas acciones que van más allá de su propósito principal. En tanto espacio de práctica artística, permitió la formación continuada en cursos dedicados a la economía, la política y la filosofía, entre otros campos del saber, desde una perspectiva que muestra cómo el conocimiento se puede enriquecer y crear un puente sólido entre la academia y las iniciativas populares, que buscan la reflexión de forma sistemática.

A través de las manos de Mônica Nador, y con la participación de comunidades que se encuentran en una situación muy debilitada, el JAMAC se propone también intervenir directamente en la comunidad, construyendo una belleza no para ser mostrada, sino para ser compartida, pues está aunando esfuerzos para que poblaciones de áreas necesitadas como la favela de la Calle Dos, en la Avenida Brás de Abreu, en el Jardim Miriam, en un futuro

cercano puedan compartir cultura, arte y buen vivir, aunque residan en la periferia y no existan para el poder público.

Mauro Pinto de Castro Vecino del barrio, miembro del Núcleo Aparecida Gerônimo, integrante del Coletivo Consulta Popular y colaborador del JAMAC

Embaixada da Espanha no Brasil

Embaixador

Ricardo Peidró

Conselheiro de Cultura e Cooperação

Juan Villar

Centro Cultural da Espanha em São Paulo

Diretora

Ana Tomé

Catálogo**Edição**Centro Cultural da Espanha em São Paulo – Agência Espanhola
de Cooperação Internacional**Coordenação****Mônica Nador**

Carla Ogawa

Julia Rodrigues

Idealização e coordenação do JAMAC

Mônica Nador

Concepção e projeto gráficoPaulo Meira www.flickr.com/photos/omeira**Tratamento de imagens e finalização**

Grupo Elefante

Revisão – texto de Miguel Chaia

Sonia Rangel

Revisão – texto de Mauro Pinto de Castro

Ceci Agostinho

Tradução

Idália Morejón

Fotografias

Marcelo Zocchio

Acervo JAMAC

Textos

Ana Tomé

Miguel Chaia

Mauro Pinto de Castro

Impressão e acabamento

Pancrom

Agradecimentos

Associação Pedra sobre Pedra, Celso Pazzanese, Claudio Romeiro,
Coletivo Bijari, Fabio Meira, Fapesp, Galeria Vermelho, Isa Pini, Klabin S/A, Maíra
das Neves, Membros do PET - FFLCH/USP, Núcleo Aparecida Gerônimo do cole-
tivo Consulta Popular, Santos e Furriela Advogados, Wilmalise Lenhart e a todos
aqueles que ajudaram na construção do JAMAC

JAMAC - Jardim Miriam Arte Clube

Rua Maria Balades Corrêa, 08

São Paulo/SP

Brasil

www.jamac.org.br

55 11 5626 9720

CCE - Centro Cultural da Espanha em São Paulo

Agência Espanhola de Cooperação Internacional

Rua Martinico Prado, 474

São Paulo/SP

Brasil

www.aeci.esinfo@ccebrasil.org.br

55 11 3822 2627

55 11 3666 0516

Esta publicação foi produzida para
celebrar o projeto realizado pelo
JAMAC em maio/junho de 2007 no
Centro Cultural da Espanha em
São Paulo

